



**O português falado no Sul do Brasil: um balanço das áreas
dialetais a partir de itens lexicais do ALiB¹**

**The Portuguese spoken in the South of Brazil: a balance of the
dialectal areas from lexical items of the ALiB**

**El portugués hablado en el sur de Brasil: una revisión de las zonas
dialectales a partir de elementos léxicos del ALiB**

**Amanda Chofard
Felício Wessling Margotti**

Resumo

Considerando que a variação é inerente às línguas, cabe à Dialetologia, principalmente por meio do método geolinguístico, identificar, analisar e descrever essa variação em diferentes dimensões, com prioridade para as variedades associadas ao espaço territorial. Desse modo, nesta pesquisa, que se liga ao projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB – e também à dissertação *Aspectos Lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB*, buscamos investigar, a partir dos itens lexicais *banana dupla*, *filho mais moço*, *carne moída*, *glutão* e *semáforo*, a existência de diferentes áreas dialetais no sul do Brasil. Para tanto, objetivamos: (i) proceder ao levantamento das variantes registradas pelo ALiB para os itens lexicais em questão na Região Sul do Brasil; (ii) mapear a distribuição das variantes, por meio do *software* SGVCLin; e (iii) comparar as fotografias linguísticas do Sul apresentadas por Koch (2000) e Altenhofen (2002), com base nos dados do ALERS, com as possíveis fotografias reveladas pelos dados do ALiB. Assim, por meio deste estudo, buscamos mais uma vez contestar a homogeneidade linguística existente nos falares sulistas proposto por Nascentes (1953) e evidenciar a diversidade linguística existente no português falado no Brasil.

Palavras-chave: áreas dialetais, variantes lexicais, ALiB.

Abstract

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



Considering that variations are inherent in languages, it is up to Dialectology, mainly through the geolinguistic method, identify, analyze and describe those variations at different dimensions, with priority for the varieties associated with the territorial space. Thus, in this research, which is linked to the Linguistic Atlas of Brazil project - ALiB - and also to the dissertation *Aspectos Lexicais do Português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB*, we search to investigate, from the lexical items, *banana dupla, filho mais moço, carne moída, glutão e semáforo*, the existence of different dialectal areas in southern Brazil. Therefore, we aim to: (i) proceed to the survey of variants registered by the ALiB for the lexical items in question in the Southern Region of Brazil; (ii) map the distribution of the variants, through the SGVCLin software and, (iii) compare the Southern linguistic photographs presented by Koch (2000) and Altenhofen (2002), based on the ALERS data, with the possible photographs revealed by the ALiB data. Thereby, through this study, we try once again to challenge the linguistic homogeneity existing in the southern speeches proposed by Nascentes (1953) and to highlight the linguistic diversity existing in Portuguese, spoken in Brazil.

Keywords: dialectal areas, lexical variants, ALiB.

Resumen

Considerando que la variación es inherente a las lenguas, corresponde a la Dialectología, principalmente por medio del método geolingüístico, identificar, analizar y describir esa variación en diferentes dimensiones, con prioridad para las variedades asociadas al espacio territorial. Por lo tanto, en esta investigación, que se une al proyecto Atlas Lingüístico de Brasil - ALiB - y también a disertación *Aspectos Lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes registradas pelo ALiB*, buscamos investigar, a partir de los elementos léxicos de *banana dupla, filho mais moço, carne moída, glutão e semáforo*, la existência de diferentes áreas dialectales em el sur de Brasil. Para ello, objetivamos: (i) proceder al levantamiento de las variantes registradas por el ALiB para los ítems léxicos en cuestión en la Región Sur de Brasil; (ii) asignar la distribución de las variantes a través del *software* SGVCLin; y (iii) comparar las fotografías lingüísticas del sur presentadas por Koch (2000) y Altenhofen (2002), sobre la base de los datos de ALERS, con las posibles fotografías reveladas por los datos del ALiB. De este modo, a través de este estudio, intentamos volver a cuestionar la homogeneidad lingüística existente en el hablar de sur propuesto por Nascentes (1953) y poner de relieve la diversidad existente en el idioma portugués hablado en Brasil.

Palabras clave: áreas dialectales, variantes lexicales, ALiB.

1 Introdução

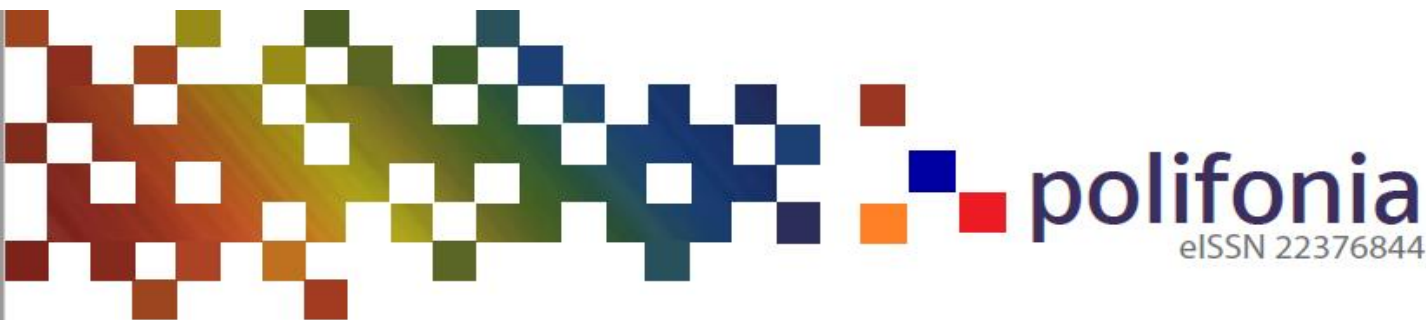
A variabilidade das línguas já é algo incontestável e, dentro desse contexto, podemos dizer que a variação revela muito mais do que apenas aspectos linguísticos, tendo em vista que também reflete a riqueza cultural dos povos e de sua formação.

No Brasil, muitos são os estudos acerca da variação em todos os níveis linguísticos e dentre esses há os que se voltam para o estabelecimento de possíveis áreas dialetais existentes no país, no que tange ao português. Nesse viés, sabemos que, devido à heterogeneidade



linguística do Brasil, traçar isoglossas e estabelecer essas áreas não é uma tarefa fácil. Contudo, pesquisadores como Aguilera (2000), Koch (2000), Altenhofen (2002), Ribeiro (2012), Romano (2015), dentre outros, buscam descrever e revelar as especificidades linguísticas de determinados territórios, na maior parte dos casos tendo como base a primeira, e única até os dias atuais, divisão dialetal, a qual foi proposta por Nascentes, em 1953, em *O Linguajar Carioca*. Nessa obra, o autor declara: "Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade" (NASCENTES, 1953, p. 23). Nessa divisão, Nascentes considerou a existência de uma grande área dialetal a qual denominou de "falar sulista", cujo território incluía Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, sul de Minas Gerais, sul de Goiás e o atual estado do Mato Grosso do Sul. Estudos posteriores, no entanto, revelaram que tal área não é tão homogênea como propôs Nascentes, descortinando-se, numa perspectiva microdialetoal, ao menos duas variedades linguísticas evidenciadas por meio de diversos estudos dialetais e geolinguísticos, como bem demonstrou Romano (2015) em sua tese de doutoramento, intitulada *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. A existência dessas duas variedades foi fartamente documentada no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (2012), cujas cartas mostram uma grande variação do português, que torna difícil aceitar a ideia de um único "falar".

Posto isso, neste estudo, que faz uso de dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, temos o intuito de voltar o olhar para a Região Sul do Brasil e buscar analisar, por meio de cinco itens lexicais (*banana dupla*, *filho mais moço*, *carne moída*, *glutão* e *semáforo*) as possíveis áreas linguísticas existentes, objetivando, assim: (i) proceder ao levantamento das variantes registradas pelo ALiB para os itens lexicais em questão na Região Sul do Brasil; (ii) mapear a distribuição das variantes, por meio do *software* SGVCLin; e (iii) comparar as fotografias linguísticas do Sul apresentadas por Koch (2000) e Altenhofen (2002), com base nos dados do ALERS, com as possíveis fotografias reveladas pelos dados do ALiB.



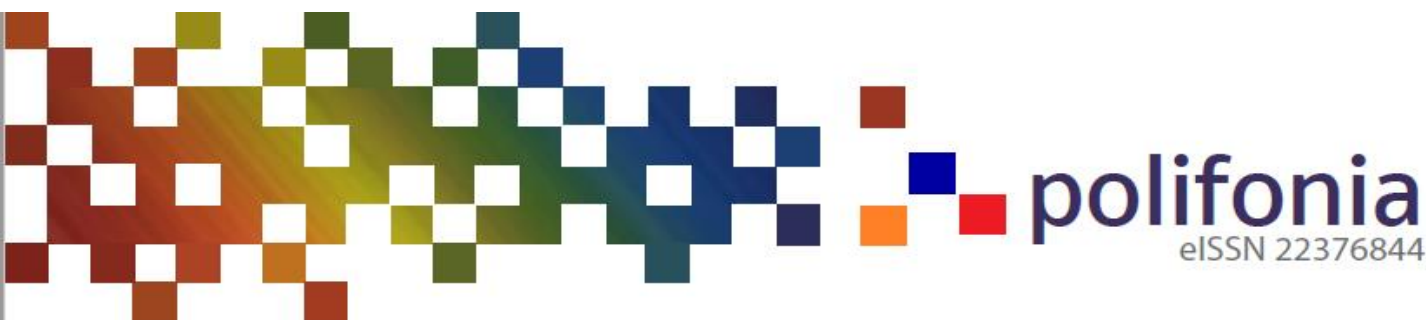
Desse modo, para o desenvolvimento deste artigo, primeiramente, apresentamos um panorama acerca do que é a Dialectologia e a Geolinguística. Em seguida, fazemos uma revisão da literatura sobre as fotografias geolinguísticas da Região Sul apresentadas por Koch (2000) e Altenhofen (2002). Depois, apresentamos a metodologia utilizada para o levantamento e cartografia dos dados utilizados nesta pesquisa. Logo após, expomos as cartas linguísticas juntamente com a análise dos dados. E, por fim, trazemos as considerações finais, seguidas das referências utilizadas.

2 Um panorama sobre a Dialectologia e a Geolinguística

A Dialectologia é um ramo das ciências linguísticas que se originou no fim do século XIX e que, de acordo com Cardoso (2010, p. 15), “[...] tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”. Já a Geolinguística, de acordo com Bassi e Margotti (2012), é um método utilizado pela Dialectologia que, segundo Brandão (1991, p. 79), “se ocupa do estudo dos dialetos e falares, isto é, das variedades de natureza geográfica de uma língua”.

Dentro do contexto brasileiro, Nascentes (1953) propôs uma divisão dos estudos dialectológicos em dois momentos: o primeiro em trabalhos voltados para o campo do léxico e o segundo em estudos monográficos. Cardoso (1999) faz uma ampliação dessa divisão e acrescenta um terceiro momento, representado pela criação da Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa (Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952) e pela elaboração dos primeiros atlas linguísticos regionais, a começar pelos *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI et al., 1963). Mais tarde, Cardoso e Mota (2006) incluem um quarto momento, cujo marco é representado pela retomada do projeto de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil em 1996.

Romano (2013), por sua vez, divide a história da Geolinguística no Brasil em dois grandes momentos: o primeiro define-se pela produção de atlas linguísticos estaduais e se



caracteriza pela ausência de uma metodologia, de certa forma padronizada, para a realização de cada um deles, tendo em vista os distintos procedimentos; já o segundo inicia-se em 1996 quando começaram as pesquisas em torno do ALiB, pela elaboração de atlas de pequeno domínio e pela adoção da pluridimensionalidade da variação linguística (THUN, 1998).

A partir da implantação do projeto ALiB, os estudos geolinguísticos no Brasil, como afirma Romano (2013, p. 219), “tomaram novo fôlego” e, desde então, muitos trabalhos vêm sendo realizados, o que possibilita cada vez mais a ampliação do que se sabe acerca da vasta diversidade existente no português falado no Brasil.

3 As possíveis áreas linguísticas da Região Sul

Na busca por detalhar e reconhecer as possíveis áreas linguísticas existentes na Região Sul, Altenhofen (2002) retoma a proposta de Koch (2000) e elabora nove hipóteses das possíveis fotografias geolinguísticas.

A primeira hipótese é considerada pelo autor, e também por Koch (2000), como a mais significativa, pois é a que divide o Sul em duas grandes áreas: a paranaense e a rio-grandense, sendo Santa Catarina um território de transição. Segundo o pesquisador,

Historicamente, essa divisão parece ser o reflexo de dois movimentos colonizadores em sentidos opostos: em direção sudoeste, partindo do “Paraná antigo”, e no sentido sul, aproveitando os campos de Lages e Curitiba, temos a propensão de traços paulista-paranaenses; a oeste, como expansão do período de colonização da região das Missões, no noroeste do Rio Grande do Sul, projeta-se a migração de populações rio-grandenses, em grande parte descendentes dos imigrantes alemães, italianos e poloneses, assentados há já mais tempo nas chamadas Colônias Velhas. (ALTENHOFEN, 2002, p. 123)

A segunda hipótese se refere ao chamado Leque Catarinense que caracteriza Santa Catarina como uma zona de transição entre a variedade sul-riograndense e a variedade paulista, constituída por um feixe de isoglossas que se projetam a partir do leste e sudeste, no



litoral, em direção ao noroeste, representando o deslocamento de populações sulistas para novas terras, primeiramente seguindo as rotas dos Tropeiros – século XVII ao século XIX – e, posteriormente, com a colonização de terras no oeste catarinense e sudoeste paranaense – século XX.

Por outro lado, a hipótese três trata do desdobramento da área rio-grandense que avança pelo oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. Sobre essa área, o autor ressalta que “não se reduz à simples continuação ou reprodução das variantes presentes no Rio Grande do Sul, mas sim pode representar o resultado do contato com novos elementos contrastantes. “[...] Trata-se, portanto, de áreas novas muito sujeitas a comportamentos distensos” (ALTENHOFEN, 2002, p. 126).

A hipótese quatro também diz respeito aos avanços rio-grandenses, entretanto, dessa vez para o leste de Santa Catarina. Nesse caso, constata-se o compartilhamento de traços coincidentes que se desenvolvem de forma independente.

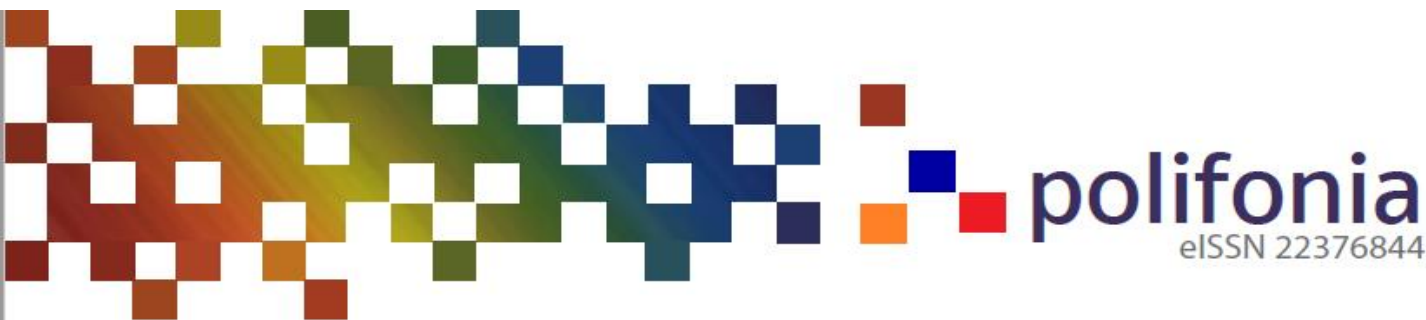
A quinta hipótese, por sua vez, trata do falar açoriano no leste de Santa Catarina, desde São Francisco do Sul ao norte até Laguna ao sul.

A sexta hipótese refere-se ao território do norte/noroeste do Paraná, o qual possui colonização recente e mostra-se como uma área diferenciada cujas características podem estar ligadas à colonização representada predominantemente por populações paulistas.

A sétima hipótese refere-se ao território de fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai o qual “guarda traços de momentos históricos diversos de ocupação da área e oscilações das fronteiras históricas com o espanhol” (ALTENHOFEN, 2002, p. 128).

A oitava hipótese liga-se ao período anterior ao da chegada dos imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul, pois esse período foi marcado por várias rotas comerciais que influenciaram nos falares.

Essas rotas seguem, de um lado, o trajeto de fundação pelos lusos dos primeiros núcleos de povoamento e, de outro, as condições geofísicas do espaço, no sentido de aproveitar vias fluviais, como o rio Jacuí, ou contornar zonas de floresta e rios



através de caminhos de campo, por onde era mais fácil conduzir gado e mercadorias. (ALTENHOFEN, 2002, p. 129)

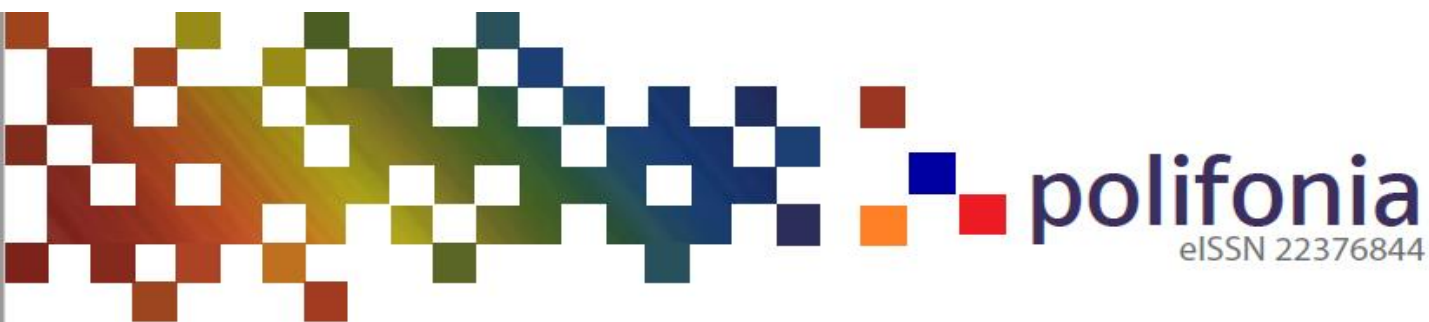
Por fim, a hipótese nove, contrariamente a hipótese oito, que retrata os falares lusos, diz respeito aos territórios ocupados pelos imigrantes estrangeiros que refletem “uma variedade distinta de português, devido justamente às especificidades linguísticas de seus falantes e às condições de aprendizagem da língua oficial do Brasil” (ALTENHOFEN, 2002, p. 131).

Assim, documenta-se com os dados do ALERS a grande heterogeneidade linguística existente na Região Sul do Brasil, a qual é marcada tanto pelo modo como o território foi ocupado inicialmente por lusos e hispânicos, quanto pelos deslocamentos dos povos sulistas em contato com paulistas, pela chegada dos imigrantes estrangeiros à região e também pelas migrações internas.

4 Metodologia

Para averiguar se os dados do ALiB condizem com as áreas dialetais da Região Sul, hipotetizadas por Koch (2000) e por Altenhofen (2002) com base nos dados do ALERS, propomos neste estudo levantar as variantes registradas para cinco itens lexicais. Para tanto, selecionamos as seguintes questões do Questionário Semântico Lexical – QSL (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001):

- Questão 043 (*banana dupla / felipe / gêmeas*): “... duas bananas que nascem grudadas?”
- Questão 131 (*filho mais moço / caçula*): “... o filho que nasceu por último?”
- Questão 178 (*carne moída*): “... a carne depois de triturada na máquina?”
- Questão 184 (*glutão*): “... uma pessoa que normalmente come demais?”



- Questão 194 (*sinaleiro / semáforo / sinal*): “Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?”

Como se trata de dados do ALiB, o *corpus* constitui-se dos inquéritos feitos *in loco* em 44 pontos distribuídos pelo Sul, sendo 17 no Paraná, dez em Santa Catarina e 17 no Rio Grande do Sul. Desse modo, a amostra compreende as respostas dadas pelos 176 informantes da região, os quais foram estratificados por sexo e faixa etária, como ilustra o Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

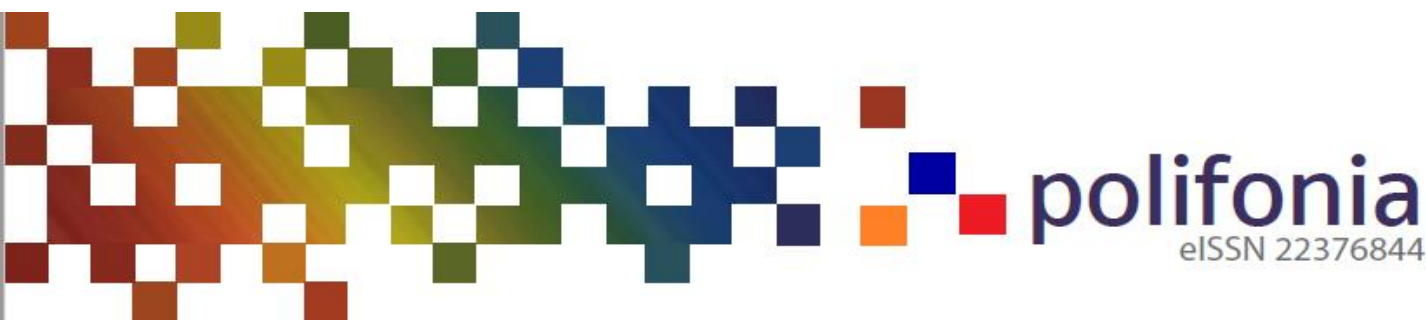
INFORMANTE	ESCOLARIDADE	FAIXA ETÁRIA	SEXO
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Sobre o perfil dos informantes, vale destacar que, nas capitais – onde foram realizadas quatro entrevistas adicionais com informantes de escolaridade superior –, os dados utilizados restringem-se apenas aos quatro primeiros informantes, uma vez que esses possuem o mesmo perfil que os informantes dos pontos do interior.

A fim de cumprir com os objetivos propostos e proceder à cartografia para se ter uma melhor visualização da distribuição diatópica dos dados, primeiramente foi feito o levantamento das respostas dadas pelos informantes, registradas em uma planilha Excel e, em seguida, com o auxílio do *software* SGVCLin - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014), foram geradas as cartas linguísticas.

5 Análise dos dados



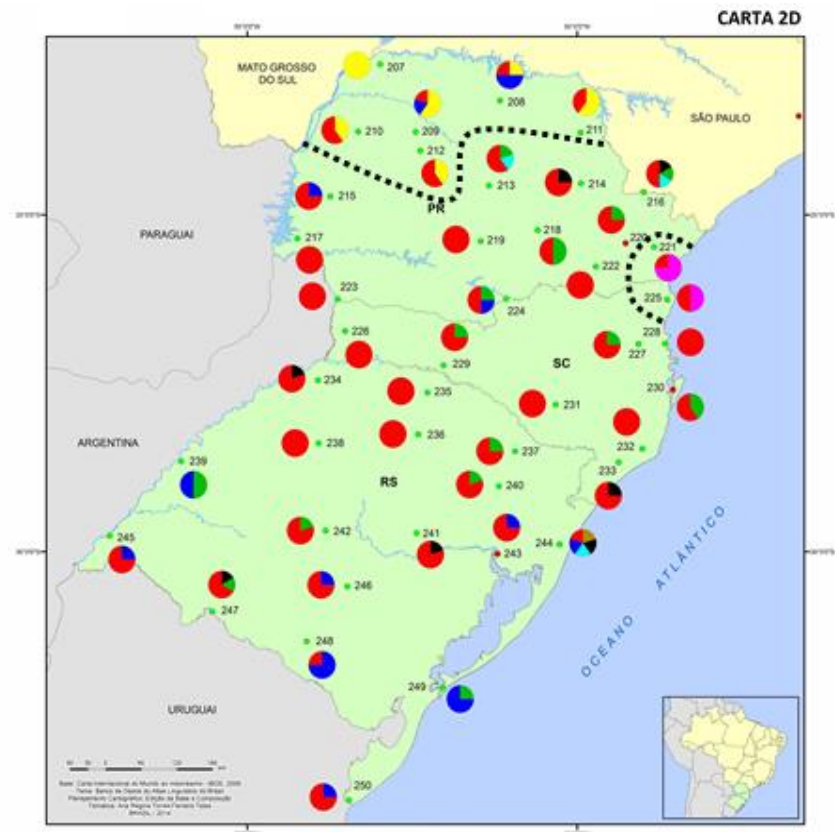
Como já mencionado, o *corpus* compreende cinco itens lexicais do ALiB, cujas variantes serviram para a elaboração de cinco cartas linguísticas, expostas e analisadas a seguir. Por meio da Figura 1, que traz a distribuição diatópica das designações registradas para *banana dupla* (QSL 043), é possível observar a existência de duas isoglossas, uma referente à variante *banana felipe* e outra a *inconho*. Assim, torna-se possível dizer que a área dialetal estabelecida para *banana felipe* vai ao encontro da hipótese seis de Altenhofen (2002), tendo em vista que essa variante se distribui por todo o norte do Paraná, o que faz com que essa área seja distinta das demais. Já no que diz respeito à área de *inconho*, essa corresponde em parte a áreas dos falares vinculados à colonização vicentina e açoriana, no litoral paranaense e norte catarinense.

Sobre o uso de *inconho*, citamos os seguintes exemplos:

INF.- Nós chamamo incoim. É incoim, pra nós é incoim aqui (risos) (221-3 – Morrestes-PR).

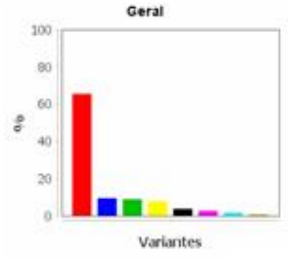
INF.- Aqui a gente chama inconho. Diz ai aquela banana nasceu inconho, inconho porque as duas é grudada, dize inconho daí (225-4 – São Francisco do Sul-SC).

Figura 1 – Distribuição diatópica das variantes registradas para a questão 043 na Região Sul – banana dupla



Legenda

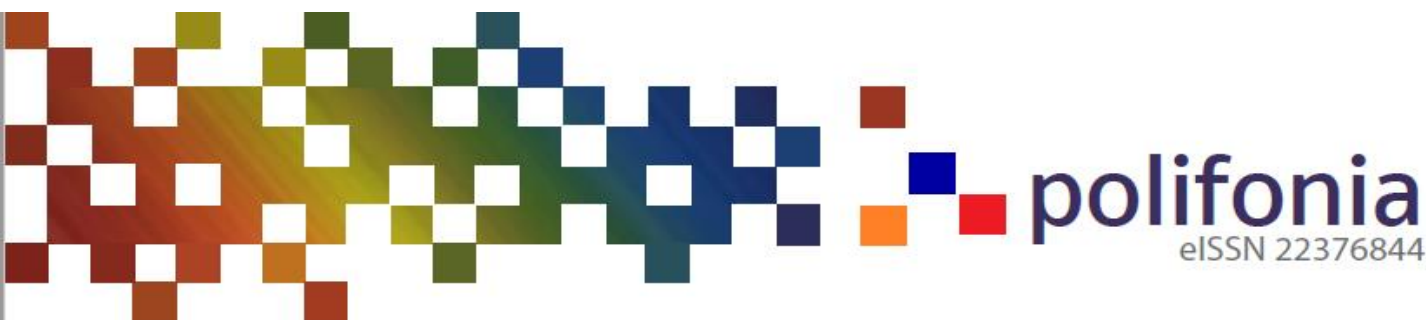
- banana gêmea / banana gêmeas / bananas gêmeas / gêmea / gêmeas / gêmeos
- banana felipe / felipe / filipe / felipão
- banana grudada / bananinha grudada / grudada
- incho / encho / incôe / inquem / banana inquem
- banana emendada / emendadas
- juntas
- outras
- RP



[SGVCLin] - 2015
© Amanda Chofard (2018)

Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental gerada a partir do *software* SGVCLin (2015), elaborada e revisada pelos autores

Sobre a questão 131 – *filho mais moço*, torna-se mais difícil traçar isoglossas, uma vez que as variantes documentadas coocorrem por toda a região. Contudo, ainda assim podemos identificar uma área que compreende todo o território catarinense e parte do paranaense e rio-



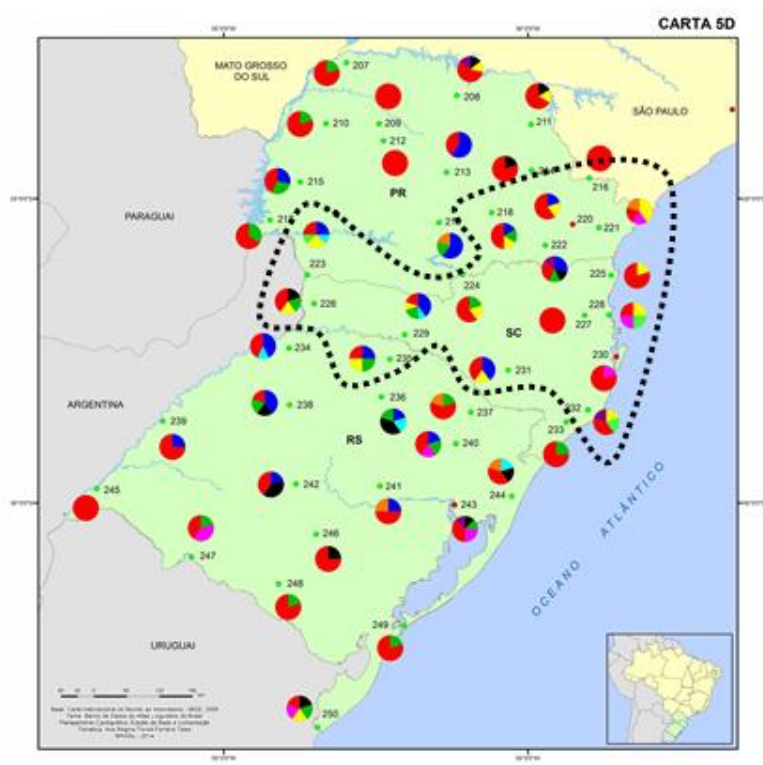
grandense referente à variante *último filho*. Dessa forma, inferimos que essa área dialetal pode corresponder à hipótese dois, a qual trata do Leque Catarinense que teria influência dos Tropeiros e, conseqüentemente, do falar paulista, já que também há a presença dessa designação em Tomazina (ponto 211), localidade essa que se encontra próxima do estado de São Paulo e em pontos de Santa Catarina que condizem com a Rota dos Tropeiros, como é o caso, por exemplo, de Lages (ponto 231). A seguir, são apresentadas as respostas dadas nos referidos pontos de inquérito:

INQ.- Então você dizia assim que a Vanessa era a sua... o quê?

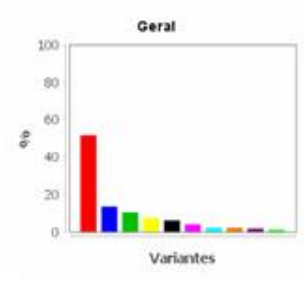
INF.- A última filha (211-3 – Tomazina-PR).

INF.- É o meu neném, o meu último (231-4 – Lages-SC).

Figura 2 – Distribuição diatópica das variantes registradas para a questão 131 na Região Sul – filho mais moço



- Legenda**
- caçula
 - nenê / nenê da casa / nenê da família / neném / neném da casa
 - mais novo
 - último filho / filho último / último / última filha / último da casa
 - raspa de tacho / raspa do tacho / rapa do tacho
 - bebê / bebê da família / filho bebê
 - temporão
 - derradeiro
 - outras
 - RP



SGVCLin 1.0 - 2014
© Amanda Choffard (2018)

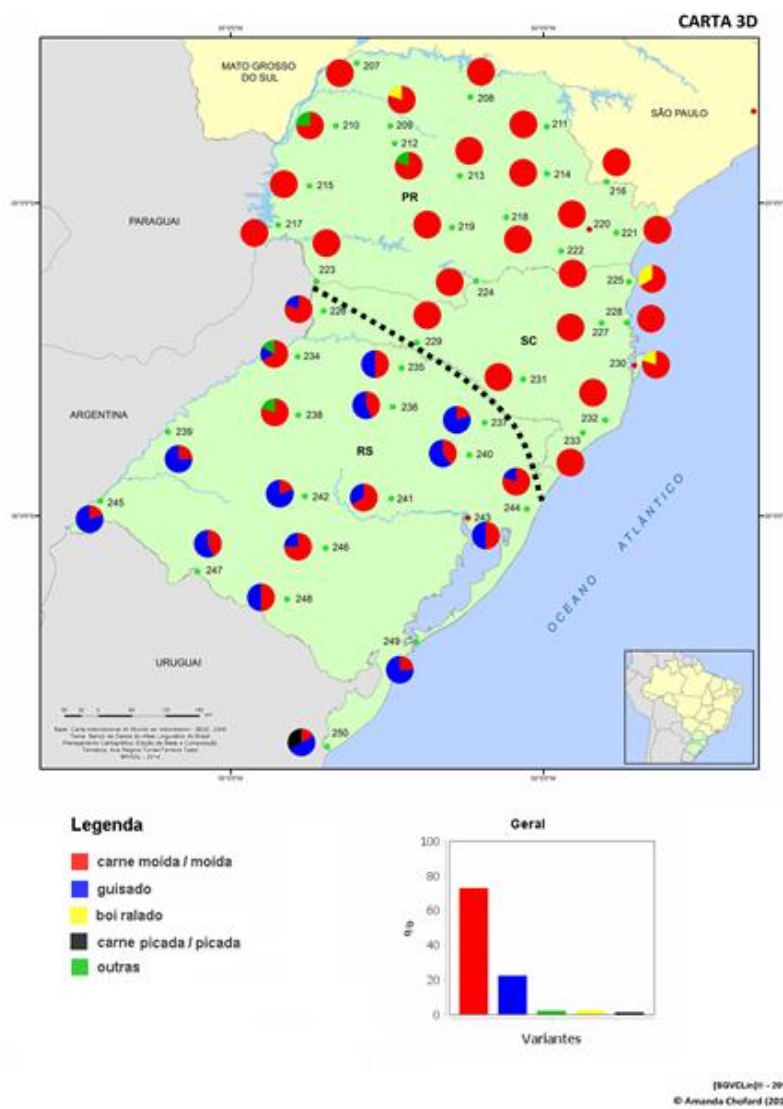
Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental gerada a partir do *software* SGVCLin (2015), elaborada e revisada pelos autores

A Figura 3 traz a distribuição diatópica das respostas obtidas para o item lexical *carne moída*. No que concerne à questão 178, fica clara a confirmação da hipótese um, tendo em

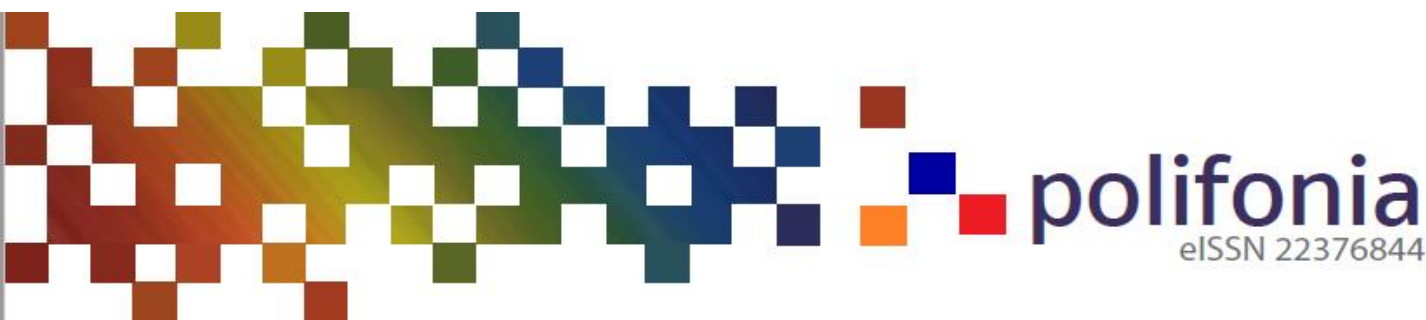


vista a existência de duas grandes áreas linguísticas marcadas pelo uso ou não da designação *guisado*.

Figura 3 – Distribuição diatópica das variantes registradas para a questão 178 na Região Sul – carne moída



Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental gerada a partir do *software* SGVCLin (2015), elaborada e revisada pelos autores



O uso da variante *guisado* pode ser constatado por meio das respostas dadas pelos informantes, como nos exemplos a seguir:

INF.- Carne muída né, guizado, carne muída.
 INQ.- Isso. Qual o outro nome que a senhora falou?
 INF.- Acho que é o guizadinho né, não, o guizadinho acho que é a picadinha né, mas é carne muída (215-4 – Toledo-PR).

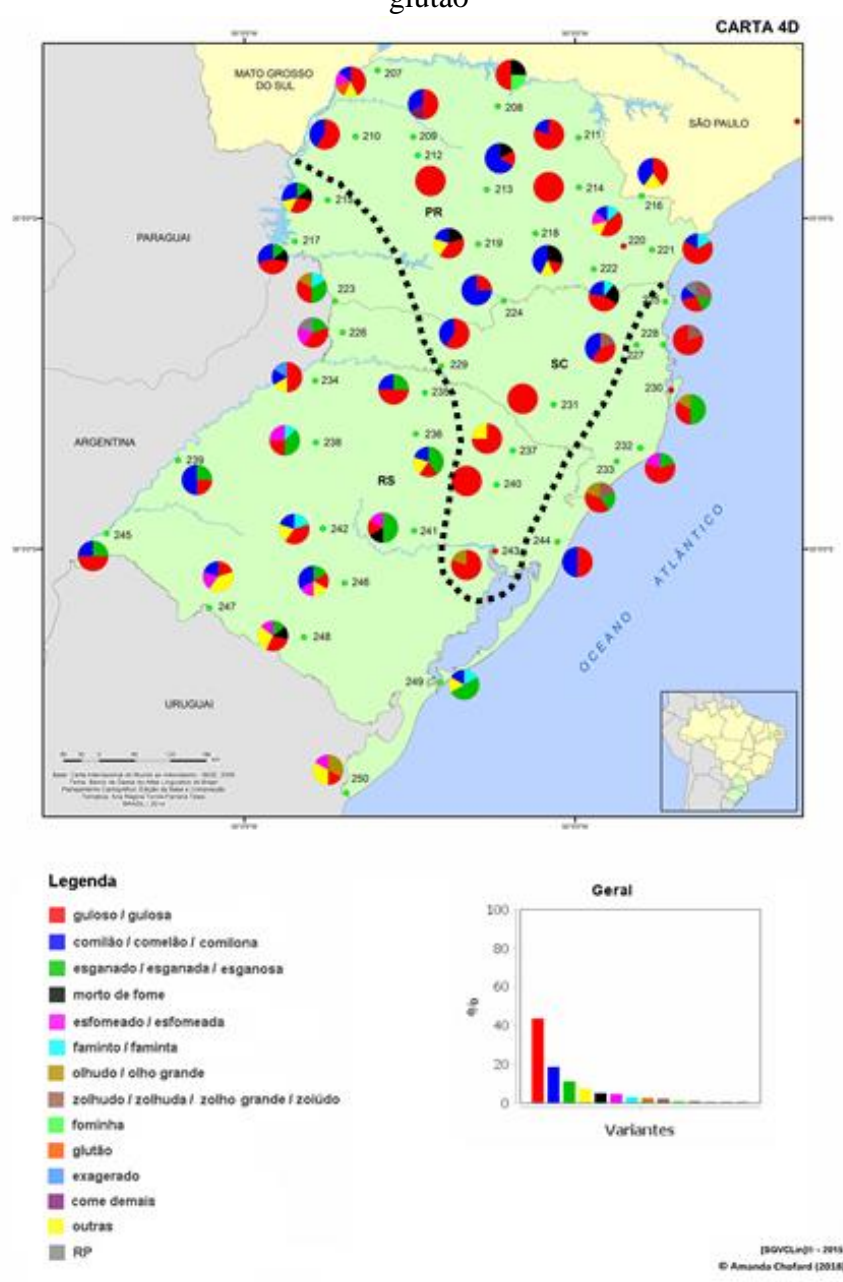
INF.- Guisada.
 INQ.- Uhum. Tu vai no supermercado comprar...
 INF.- Guisado.
 INQ.- Tu compra guisado? Tá. E tem uma...
 INF.- Pra vocês é carne moída, né?
 INQ.- Hã?
 INF.- É carne moída.
 INQ.- Aham. Mas como é que tu chama?
 INF.- Eu chamo... guisado.
 INQ.- Sim, né, ou quando tu faz uma comida, ah, um guisadinho...
 INF.- É (247-1 – Santana do Livramento-RS).

Diante dessas falas, verifica-se que a informante 4 de Toledo-PR conhece a *lexia*, porém não a utiliza, uma vez que a distingue do que de fato conhece por *carne moída*, destacando que *guisado* seria um tipo de carne picada. Por outro lado, o relato apresentado pelo informante 1 de Santana do Livramento-RS confirma a utilização de *guisado* em ambientes cotidianos como o supermercado, o que mostra o uso efetivo dessa designação no Rio Grande do Sul. Outrossim, ainda é possível analisar que o informante reconhece que utiliza uma variante distinta da usada pelo inquiridor que supostamente é natural de outro estado.

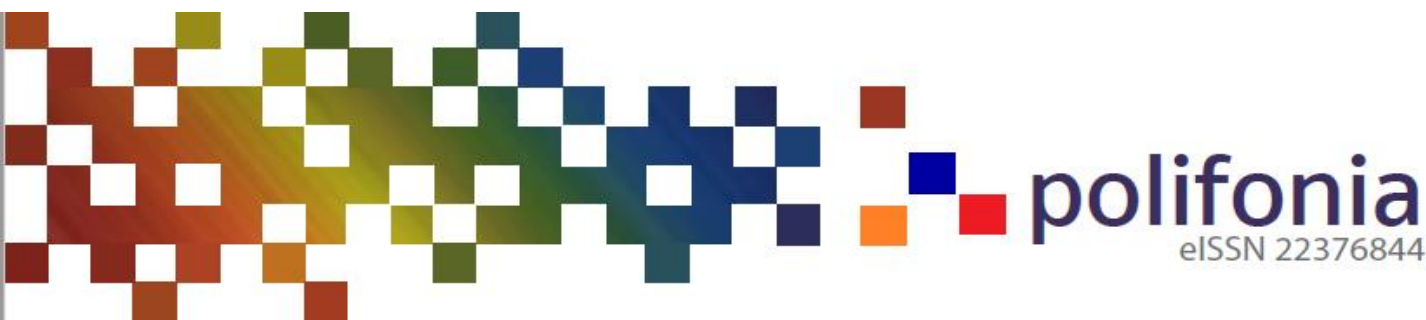
Além disso, o estabelecimento de uma área dialetal rio-grandense pela utilização de *guisado* também pode estar ligado ao contato com o espanhol, o que, de certa forma, tem relação com a sétima hipótese apresentada por Altenhofen (2002).



Figura 4 – Distribuição diatópica das variantes registradas para a questão 184 na Região Sul – glutão



Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental gerada a partir do *software* SGVCLin (2015), elaborada e revisada pelos autores



Diante dos dados relativos à questão 184 – *glutão*, também se observa a possibilidade de traçar uma isoglossa a partir da variante *esganado*. Trata-se de uma variante derivada do espanholismo *gana*, que significa “com vontade”, “com apetite”. Dentro desse contexto, faz-se possível enxergar que a variante *esganado* foi incorporada ao português falado em áreas de contato com o espanhol, no Rio Grande do Sul, e se difundiu juntamente com os deslocamentos dos gaúchos, o que é tratado tanto pela hipótese três quanto pela quatro: a primeira no que se refere ao deslocamento para a parte oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná e a segunda para o leste de Santa Catarina, avançando também para norte catarinense, onde predomina a influência açoriana. Cabe salientar aqui que, em relação à hipótese quatro, Altenhofen (2002) defende que os avanços rio-grandenses para o leste de Santa Catarina não seriam exatamente uma extensão dos traços gaúchos, mas sim traços coincidentes. Entretanto, por meio dessa análise, podemos inferir que a propagação da variante *esganado* tenha se dado pelo deslocamento dos gaúchos tanto para o leste quanto para o oeste, uma vez que coincide com os usos de *olho grande/olhudo*, designação essa que também aparece no Rio Grande do Sul e em territórios alcançados por gaúchos. A seguir, tem-se a fala do informante 3 de Florianópolis-SC, a qual reitera a utilização dessas duas denominações.

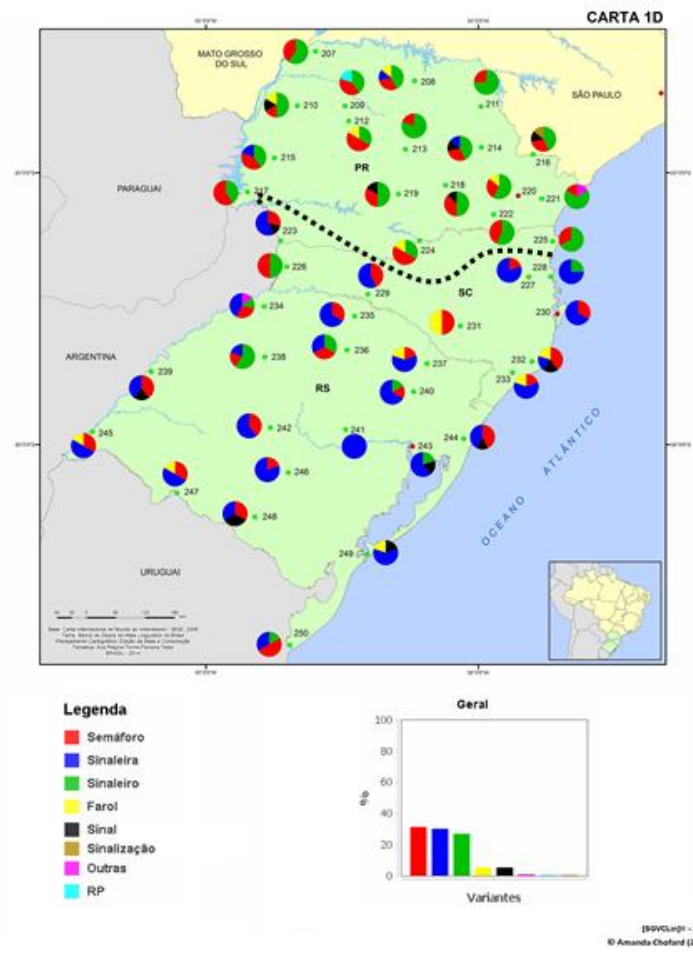
INF.- Guloso não, esganado, aqui prá nós é esganado, não é? Esganado. Esganado ô olho grande.

INQ.- Aha, também.

INF.- É, olho grande (230-3 – Florianópolis-SC).

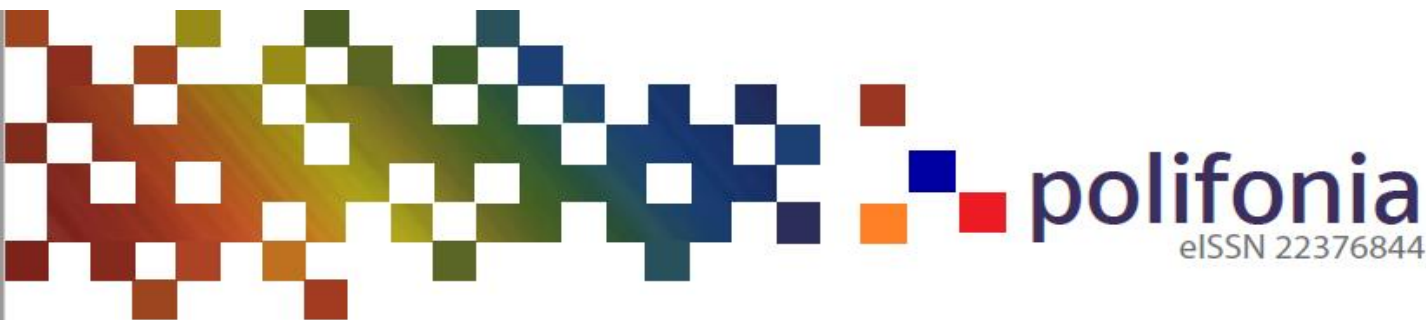


Figura 5 – Distribuição diatópica das variantes registradas para a questão 194 na Região Sul – semáforo



Fonte: Base de dados projeto ALiB – carta experimental gerada a partir do *software* SGVCLin (2015), elaborada e revisada pelos autores

Para a questão 194 – *semáforo*, embora as variantes se encontrem distribuídas por todo o território sulista, é possível traçar uma isoglossa que separa duas variantes que marcam as duas grandes áreas dialetais propostas na hipótese um. Desse modo, *sinaleiro* mostra-se mais presente no Paraná, enquanto *sinaleira* é mais produtiva no Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina, caracterizada como área de transição, ambas as variantes foram documentadas de forma mais ou menos equilibrada.



Mais uma vez, diante dessas duas grandes áreas, é possível por meio da fala dos informantes evidenciar seus usos específicos, tendo em vista que por vezes mostram que conhecem outras formas, porém reiteram que no Paraná a designação mais utilizada é *sinaleiro* e que no Rio Grande do Sul é *sinaleira*. Como exemplo têm-se as respostas do informante 3 de Curitiba-PR e do informante 3 de Osório-RS, respectivamente.

INF.- Sinalero.
 INQ.- Sinaleiro, só tem esse nome aqui né!?
 INF.- É só esse nome.
 INQ.- E aquele...
 INF.- Em outros lugar... se não me engano, São Paulo é conhecido por farol.
 INQ.- Aqui não.
 INF.- Aqui é sinaleiro, né? (220-3 – Curitiba-PR).

INF. - Semáforo ou sinalera.
 INQ. - Como que o senhor fala mais?
 INF. - Sinalera, semáforo é lá pô lado de São Paulo lá.
 INQ. - Aham.
 INF. - Bah, o semáforo vermelho e tu passô.
 INQ. - Uhum.
 INF. - Nós aqui é sinal, sinalera (244-3 – Osório-RS).

Com a análise dos dados do ALiB, portanto, também se documenta a existência de diferentes áreas dialetais no Sul, o que desqualifica a uniformidade proposta por Nascentes em 1953. Entretanto, para se delimitar com precisão as fotografias geolinguísticas efetivas da Região Sul, são necessários estudos mais aprofundados e com base em maior quantidade de dados que envolva não só a variação lexical, mas também a fonológica, a morfossintática, entre outros dados linguísticos, especialmente os relacionados aos contatos com outras línguas ou mesmo entre as variedades regionais constituídas historicamente pelos distintos processos de ocupação do espaço por grupos étnicos diversos.

6 Considerações finais



Com base no que foi apresentado no decorrer deste estudo, fica evidente a heterogeneidade linguística presente no território sulista.

Desse modo, ao comparar as fotografias geolinguísticas possíveis por meio do ALERS e do ALiB, argumentamos que essas, de certa forma, coincidem, o que leva à confirmação das áreas dialetais hipotetizadas por Koch (2000) e por Altenhofen (2002), entre outros estudiosos. Nesse sentido, vemos que os processos históricos de ocupação do território, as migrações e os contatos linguísticos são os fatores que mais contribuem para a formação de variedades linguísticas, caracterizadas pela variação no uso do léxico e de outros níveis da língua.

Ao realizar este estudo, podemos concluir que estabelecer áreas dialetais é um trabalho penoso, porém necessário para que possam ser reveladas as especificidades linguísticas de cada região brasileira, bem como a abrangência territorial das mais distintas variedades da língua, contribuindo também, desse modo, para o entendimento da formação da língua portuguesa aqui falada.

Por fim, esperamos que este estudo venha contribuir para as futuras pesquisas em torno dos falares do Sul, bem como possa servir de base para eventuais aprofundamentos acerca do estabelecimento de áreas dialetais.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Estudos dialetológicos no Paraná: caminhos e perspectivas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt a.M.: TFM, 2000. p. 95-119.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). **Variação e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.



ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S.; KOCH, W. (orgs.) et al. **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**. Vol. 1: Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2011.

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina, Midiograf, 2012. p. 49-78.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. **Revista Delta**, v.15, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 abr. 2018.

CARDOSO, Suzana A. M. da S.; MOTA, Jacyra A. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M. (Orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 15-26.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). **Estudos de geolinguística do português americano**. Frankfurt a.M.: TFM, 2000. p. 55-69.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

RIBEIRO, Silvana S. C. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v.13, n. 2, jul./dez.2013, p. 203-242.



ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Cento-Sul do Brasil**. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ROSSI, N., C. FERREIRA & D. ISENSEE. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1963.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. **[SGVCLin]** - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367-409.